

## A Fina Arte de Reclamar

Quão pueril torna-se a existência quando tudo que nos cerca, e a nós mesmos diante de uma auto-análise, surge motivador para frustrações, desgostos e reclames. Não há arte mais nobre do que reclamar, quando se sabe o que está fazendo – e o equívoco de certos indivíduos é desconhecer as ferramentas necessárias para tanto. Motivos pouco nobres, que não coadunam com uma verdade e utilidade coletiva gera reclamações imaturas, infantis, e quase sempre inócuas. Nenhum espírita que haja se comprometido com a doutrina que adotou desconhece o poder do pensamento – e, enquanto atributo, ou seja, qualidade própria do Espírito, o pensamento desempenha papel nevrálgico nos fenômenos naturais, de níveis subatômicos até aqueles imensuráveis por sua exponencial grandeza cósmicos.

Reside aqui um equívoco ao não se racionalizar o pensamento quando diante dos fenômenos de natureza eminentemente espírita – cria-se, por conseguinte, quimeras de toda espécie em narrativas anti-doutrinárias de escrivinhadores encarnados e desencarnados; para além de Colônias Espirituais que cumprem os anseios materialistas daqueles que aguardam por uma região de destino para além das fronteiras da morte, há a lei natural do Livre-Arbitrio, onde cabe a cada espírito decidir quais os caminhos que pretende rumar. A erraticidade é assim denominada por que os Espíritos de fato erram, ou seja, não têm destino certo, não ficam confinados em Colônias, Umbrais, vales e que tais cuja permanência no ideário espírita ilustra a ignorância do meio.

O pensamento é causador, versa adágio mui popular nas esferas da prática espírita que frequentamos – e causa imediatamente no meio pelo qual se propaga, ou seja, o fluido. O fluido é a matéria em um de seus inumeráveis estados, transformação do Princípio Material donde se originou toda a matéria universal, aquela que podemos detectar tanto quanto a que desconhecemos. O fluido que nos cerca e impregna tem natureza familiar a nossos pensamentos, criando uma atmosfera fluídica planetária que nos identifica e irmana. O fluido que mais imediatamente reage aos nossos pensamentos é aquele que compõe nosso perispírito, corpo sutil que intermedia Espírito e corpo físico. Tal corpo, cujos limites são desconhecidos é também transformação da atmosfera fluídica planetária, ou seja, do meio onde se encontra. Destarte, em constante contato e intercâmbio com tal ambiente fluídico, forma uma atmosfera fluídica própria, onde o pensamento do Espírito se reflete como num monitor ou ainda, hipoteticamente, como um holograma.

A qualidade que carrega nosso pensamento, portanto, encontra-se refletida em nosso perispírito, cuja fronteira se confunde com uma atmosfera fluídica particular que acompanha-nos, imantada a nós por nossos pensamentos; as imagens que aí se encontram em voláteis convulsões podem ser captadas por Espíritos que possuam pensamentos com tais qualidades – em similitude de pensamentos, podem-se obter resultados positivos e ou negativos. Isto, por certo, mais depende do Espírito que se está encarnado do que propriamente do errante, que não pode influir sobre pensamentos que lhe escapam a natureza.

Quando transformamos pensamentos em palavras, a reação fluídica se estende e amplia; pois, por isto muito autores afirmam que as palavras possuem um peso magnético, o que se traduz como verdade para a Doutrina dos Espíritos.

Os polemistas sempre se destacaram na multidão dos filósofos na condição de incendiários, tanto assim que a própria polêmica ganhou ares negativos, de cousa que efervesce os ânimos por dar-se ao desplante de questionar o inquestionável, de contestar o incontestável – lembramos aos espíritas que assim se consideram, que Sócrates foi morto por seu caráter polemista, este o grande pensador grego considerado predecessor filosófico da doutrina de Jesus de Nazaré, outro que acabou morto em decorrência de sua exponencial capacidade de efervescer os ânimos ao contestar o incontestável. Como espíritas, condicionados por uma cultura de origem católica que nos tornou cordeirinhos mansos prontos a sermos conduzidos por um pastor, este espírito de contestação e polemica se perdeu.

Allan Kardec teve as Obras Básicas por si compostas queimadas em auto de fé em Barcelona, quando ainda se encontrava entre os encarnados. E nós espíritas, será que mantemos viva esta chama de contestadores, de ousar desfraldar uma bandeira que ofenda a mansuetude reinante? Magoar as convicções alheias, por mais frágeis que se mostrem tornou-se “crime de morte” junto aos espíritas – um crime que tem nome: ferir consciências. Não se propugna ferir as consciências alheias por que disto resultará um mal, um pecado – não se cogita um só instante, para o fato de que o aprendizado, o mais básico meio pedagógico existente, é a conversa? Que uma conversa que se entenda saudável há ao menos dois indivíduos que defendem todo tempo suas próprias visões de mundo, suas próprias teses acerca deste ou daquele assunto, sem que daí surja necessariamente um embate de morte?

Este conceito de não ferir consciências não apenas é patético porque se sustenta na contramão da natureza, como, outrossim, não deve jamais ser das ferramentas ideológicas espíritas – espíritas que

defendem isto, tudo ignoram acerca da doutrina que crêem ter abraçado, de suas origens históricas e suas bases inamalgáveis até seu caráter eminentemente científico. Afinal, que se pretende preservar com tal conceito? Idéias são passíveis de contestação na proporção que não representam uma verdade universalmente aceita – são relativas, portanto. A defesa mais ou menos apaixonada que se faça, desta ou daquela idéia ou conceito, diz mais a respeito de seu defensor do que da idéia em si mesma. Não se encontra na capacidade de berrar mais alto que uma verdade seja mais verdadeira que outra tampouco na aceitação aparentemente universal desta ou daquela verdade qualquer.

Munido disto, um sujeito poderá conversar, argumentar e debater sem que se ofenda com este ou aquele interlocutor que porventura lhe conteste as idéias, ou lhe prove estar em equívoco tal e tal conceito ou convicção. Mas, ora, dum rebanho que prima pela mansidão de idéias e ações, que há de causar um lobo em seu meio? É tão legítimo o desejo do lobo de preservar sua existência a custo da vida do rebanho, quanto do rebanho em fugir para se preservar sua existência. No tocante às idéias, não há morte senão dos velhos conceitos; Sócrates e Jesus reclamaram com sabedoria das verdades estabelecidas em seus tempos, desmascarando-as como as mentiras universalmente aceitas que eram, e foram mortos por conseqüência. Reclamar é uma arte fina, delicada e cuja agudeza é proporcional ao seu reclamante. Espírito cuja superioridade de idéias revolve o mais profundo das convicções alheias causa convulsões em seu derredor assim como um terremoto cria ondas de choque que destroem tudo a sua volta. Ficamos imaginando que ações Jesus desenvolveria se coadunasse do conceito de não ferir consciências – certamente não teria contestado seus interlocutores, que o provocavam diuturnamente; bem, ele sequer teria quebrado a lei civil do povo donde se reencarnou, como curar os doentes em dia de sábado, para ficarmos no mais tolo dos exemplos. Jesus não se afirmaria filho de Deus, não atuaria no sentido de consternar e constanger os defensores das leis e tradições caducas dos hebreus, tampouco realizaria ações em favor daquela gente, através de ações que passaram a História na qualidade de milagres.

A Doutrina dos Espíritos sequer teria surgido se as consciências não devessem ser feridas. Este tal conceito segundo a qual não se devem ferir consciências a guisa de caridade é, na realidade, um mal disfarçado ideário com fins a preservação e perpetuação da ignorância – ao não substituir verdades velhas por novas, ou segundo outro ponto de vista, mentiras por verdades, as primeiras serão sempre preservadas em detrimento das segundas, rechaçadas como novidades sem consistência, qualquer coisa de origem vanguardista cuja fugacidade não deve tomar o tempo de homens comprometidos com a utópica paz reinante. Destarte, eis o cenário que atualmente encontramos onde a ignorância de uma nação permeia os meios considerados espíritas, fazendo nascer uma teoria a partir da prática, deformando o Espiritismo até que não se possa mais reconhecê-lo pelo que é.

Saber reclamar é uma arte, que exige muito daqueles que, contrariamente a Sócrates e a Jesus, não têm um ideário superior fruto do conhecimento haurido da multiplicidade de reencarnações por que passaram. Contudo, não somos órfãos de conceitos superiores, de verdades novas, ainda que esquecidas, e que compõem as bases da Doutrina dos Espíritos. Ao preservarmos os exemplares das Obras Básicas nas prateleiras de nossas bibliotecas, ou esquecidas nos fundos das gavetas, estamos na qualidade daqueles que se comprometem, ainda que inconscientemente, com um status quo de ignorância e mentiras, com uma paz utópica onde se imagina falsamente que o Espiritismo é corretamente praticado como a religião que de fato não é, nem nunca foi.

Saibamos reclamar, pois, porque possuímos sólidas bases de conhecimento para fazê-lo, seja qual for a esfera de nossa atuação cotidiana. Na condição de espíritas não nos basta rechaçar o que achamos ser novidade, sem um aprofundado exame, verificação dos fatos todos e julgamento à luz da razão.

Allan Kardec nos mortifica com suas considerações contundentes ainda que brandas acerca da Doutrina dos Espíritos na *Introdução* de *O Livro dos Espíritos*. Passados quase dois séculos, e tais palavras guardam fenomenal conjunto de ensinamentos de uma sabedoria singular e muito a propósito do que estivemos tratando no presente artigo.

*“Dirigimo-nos, pois, aos ponderados, que duvidam do que não viram, mas que, julgando do futuro pelo passado, não crêem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a Natureza lhe tenha facultado ler a última página do seu livro.”*

*“Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam a priori, levianamente, sem tudo ter visto; que não*

*imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. Ainda menos saberíamos dá-los a alguns que, para não decaírem da reputação de homens de espírito, se afadigam por achar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tal por pessoas cujo saber caráter e convicções lhes dá direito à consideração de quem quer que se preze de bem educado. Abstenham-se, portanto, os que entendem não serem dignos de sua atenção os fatos. Ninguém pensa em lhes violentar a crença; concordem, pois, em respeitar a dos outros.”*

*“Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das idéias. Que adiantará àquele que, ao acaso, dirigir a um sábio, perguntas acerca de uma ciência cujas primeiras palavras ignorem? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, dar-lhe resposta satisfatória? A resposta isolada, que der, será forçosamente incompleta e quase sempre, por isso mesmo, ininteligível, ou parecerá absurda e contraditória. O mesmo ocorre em nossas relações com os Espíritos. Quem quiser com eles instruir-se tem que com eles fazer um curso; mas, exatamente como se procede entre nós, deverá escolher seus professores e trabalhar com assiduidade.”*

*“Se quereis respostas sisudas, haveis de comportar-vos com toda a sisudeza, na mais ampla acepção do termo, e de preencher todas as condições reclamadas. Só assim obtereis grandes coisas. Sede, além do mais, laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, sem o que os Espíritos superiores vos abandonarão, como faz um professor com os discípulos negligentes.”*